



Os hinos a Cristo na Epístola aos Colossenses – 1.^a parte

Neben dem Prolog do Evangelho segundo S. João e dos hinos a Cristo contidos na epístola aos Filipenses (cf. NF n.º 15, 17, 19/2006; NF 07/2009), os hinos a Cristo contidos na epístola aos Colossenses representam uma das chaves principais para compreender devidamente a obra e a natureza de Jesus Cristo.

— Origem e estruturação de texto Aos Colossenses 1:15-20

Nas escrituras do Novo Testamento são mencionados, por vezes, hinos ou confissões que aparentemente terão sido usados no serviço divino das primeiras comunidades cristãs. Podemos encontrar tais textos, por exemplo, em João 1:1-18 ou em Aos Filipenses 2:6-11.

O texto de Colossenses 1:15-20 foi extensamente analisado pela ciência neotestamentária. A conclusão unânime é que estes versículos representam um texto ou um excerto de texto que já terá existido antes de a epístola ter sido redigida. Num sentido mais amplo, poder-se-á dizer que este trecho será algo como um hino. Embora falte ao texto um metro, isto é, a medida do verso, está redigido numa linguagem mais erudita, quase que poética, o que permite deduzir que também terá sido usado no serviço divino da primeira comunidade cristã.

Muitos estudiosos neotestamentários defendem a opinião de que este texto é fragmentário, embora a estrutura original do hino já não possa ser reconstruída. O hino pode ser dividido em duas estrofes de comprimentos distintos. A primeira estrofe abrange os versículos 15-18a, a segunda os versículos 18b-20. Frequentemente, os versículos 17 e 18a também são considerados como sendo uma estrofe intermédia.

No seu teor, o hino é composto por dois blocos. No primeiro bloco, fala-se do Filho de Deus como poder criador, no segundo trata-se da redenção originada por Ele.

— O texto bíblico

O qual [o Filho de Deus] é a imagem do Deus invisível,
o primogénito de toda a criação.
Porque nele foram criadas todas as coisas que há,
nos céus e na terra,
visíveis e invisíveis,
sejam tronos, sejam dominações,
sejam principados, sejam potestades:
tudo foi criado por ele e para ele.

E ele é antes de todas as coisas,
e todas as coisas subsistem por ele.
E ele é a cabeça do corpo
da igreja,

é o princípio
e o primogénito de entre os mortos,
para que em tudo tenha a preeminência.
Porque foi do agrado do Pai
que toda a plenitude nele habitasse,
e que, havendo por ele feito a paz, pelo sangue da sua cruz,
por meio dele reconciliasse consigo mesmo todas as coisas,
tanto as que estão na terra, como as que estão nos céus.

— Jesus Cristo, a imagem de Deus

O hino começa com uma ampla determinação cristológica que exprime o ser divino do Filho de Deus: «O qual é imagem do Deus invisível, o primogénito de toda a criação» (versículo 15).

Vamos começar por falar do termo "imagem". Remete para o texto bíblico em Génesis 1,26.27, onde se fala do homem à imagem ou à semelhança de Deus. No entanto, o pecado original veio danificar a semelhança do homem a Deus. Na epístola aos Romanos, faz-se uma confrontação de Adão com Cristo: «Pois, assim como por uma só ofensa veio o juízo sobre todos os homens, para condenação, assim também, por um só acto de justiça, veio a graça sobre todos os homens para justificação de vida» (Aos Romanos 5:18). Jesus Cristo é o segundo Adão, o homem que, pela Sua obediência, na forma demonstrada, por exemplo, no caso da tentação por Satanás ou em Getesêmane, faz jus à Sua semelhança a Deus. Aqui vê-se claramente que em Jesus Cristo encontramos e identificamos o homem da forma que Deus o criou na Sua dádiva da semelhança a Ele. O Deus invisível tornou-se visível em Jesus Cristo, entrou no mundo da experienciabilidade humana. Ou seja, Deus está presente no mundo através da imagem de Deus em Jesus Cristo.

Mas a semelhança a Deus em Jesus Cristo ainda é muito mais ampla, como o indica o texto bíblico em Hebreus 1:3: «O qual [Jesus Cristo], sendo o resplendor da sua glória, e a expressa imagem da sua pessoa ...» Aqui, fala-se do facto de existir uma correlação entre as naturezas do Pai e do Filho. O filho é o "resplendor da sua glória" e a imagem da divindade. Em Jesus Cristo o homem reconhece quem Deus é, no fundo. Quer dizer, a presença divina evidencia-se no Filho de Deus, torna-se uma realidade experienciável. Fala-se do Filho de Deus de uma forma semelhante àquela usada nas últimas escrituras veterotestamentárias para descrever a sabedoria: «Ela é um sopro do poder de Deus, uma irradiação pura da glória do Omnipotente, pelo que nada de impuro entra nela. Ela é um reflexo da luz eterna, um espelho imaculado da actividade de Deus e uma imagem da sua bondade» (Sabedoria 7:25.26).

O facto de Jesus Cristo ser uma divindade, e de essa Sua natureza também ser evidenciada claramente ao longo dos seus actos históricos, reflecte-se, por conseguinte, na afirmação de que Ele é «o primogénito de toda a criação». É um indicador do segredo da pré-existência. O Filho de Deus (em João 1:1 fala-se de verbo ou logos) antecede toda a criação. Na tradição intelectual judaica, Deus é por vezes designado como "primogénito do mundo". Se ponderarmos este aspecto, notamos que ele sublinha ainda mais a divindade de Jesus Cristo. Ao mesmo tempo, é um indicativo para a doutrina da trindade. O Filho é o "primogénito" porque é criado eternamente pelo Pai. Assim sendo, o Filho de Deus está numa correlação imediata com o Pai e antecede toda a criação; como tal, não deve ser associado ao contexto daquilo que foi criado. Os primeiros concílios realizados exprimiram este segredo pela fórmula de que o Pai terá sido o genitor e não o criador do Filho.

— O Filho de Deus como criador

O Filho de Deus é anterior a toda a criação e, em simultâneo, é a sua condicionante: «Porque nele foram criadas todas as coisas que há, nos céus e na terra, visíveis e invisíveis, sejam tronos, sejam denominações, sejam principados, sejam potestades: tudo foi criado por ele e para ele» (Aos Colossenses 1:16). A natureza criadora do Filho de Deus é referida em João 1:3 («Todas as coisas foram feitas por ele, e, sem ele, nada do que foi feito se fez.») de forma similar. Em Hebreus 1:2 também se fala do Filho como sendo aquele «por quem [Deus] fez, também, o mundo».

O hino na carta aos colossenses começa por orientar-se pela história bíblica da criação, na qual podemos ler: «No princípio, criou Deus os céus e a terra» (Gn 1,1). A diferenciação entre o mundo visível e o mundo invisível não é reportada no relato sobre a criação. A sua origem encontra-se na intelectualidade grega, onde se fala do mundo invisível das ideias e do mundo visível das coisas e do visível e do invisível como sendo as duas formas de tudo o que existe. Mas já na era pré-cristã se encontra entre os estudiosos judaicos esta categorização, a bipartição da criação. Ou seja, o Filho de Deus é a origem do mundo material e imaterial, do aquém e do além.

Depois, segue-se uma enumeração «sejam tronos, sejam dominações, sejam principados, sejam potestades» da qual não se percebe inequivocamente se ela se refere ao visível e ao invisível ou apenas a um dos dois. No contexto judaico, tronos, dominações, principados e potestades são vistos como seres espirituais e, em parte, demoníacos, personificados. É provável que a carta aos colossenses aqui se refira a potestades angelicais, das quais o homem se sentia dependente. Alguns estudiosos neotestamentários interpretaram os "tronos" e as "dominações" como sendo seres angelicais bondosos e os "principados" e "potestades" como sendo malignos. Mas é óbvio que o texto bíblico aqui analisado não prova isso. O hino mostra que estes seres poderosos também foram criados pelo Filho de Deus e que estão debaixo da sua regência. Assim sendo, não podem ser sobrevalorizados nem, tão pouco, interpretados como poderes salvíficos. A Epístola Aos Hebreus também fornece uma explicação sobre esta temática, indicando que existe uma diferença de estatuto entre Jesus Cristo e os anjos: Ele foi «feito tanto mais excelente do que os anjos, quanto herdou mais excelente nome do que eles» (Aos Hebreus 1:4). A função dos anjos, que na carta aos colossenses são referidos como poderes espirituais, é retratada de uma forma muito concisa e determinada: «Não são, porventura, todos eles, espíritos ministradores, enviados para servir a favor daqueles que hão-de herdar a salvação?» A extensão da dependência destas potestades do Filho de Deus é evidenciada pela afirmação: «tudo foi criado por ele e para ele.» O Filho de Deus não é apenas a origem da criação, é d'Ele que ela parte e é a Ele que ela está subordinada. Toda a criação está debaixo da regência de Jesus Cristo.